

Trajectoria de tornar-se: as experiências do cuidar de si a partir do Curso de Pedagogia

Raysa Carvalho¹

Recebido em março de 2021

Aceito em junho de 2021

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar as experiências de cuidar de si, vivenciadas pelas mulheres no curso de pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. Para isso, lançamos foco sobre a noção de cuidado de si, a partir de Michel Foucault, e também recorremos às teorias feministas do cuidado, buscando compreender de que modo as narrativas que permeiam o curso de pedagogia, como o discurso sobre cuidar como bem próprio da pedagogia e da mulher, lançam influências sobre os indivíduos, como estes conseguem transpor essas intervenções, viabilizam sua trajetória acadêmica e promovem o autogoverno. A partir da coleta e análise de dados empíricos, com entrevistas em profundidade e observação participante, alguns achados podem ser destacados como a crescente desnaturalização dos discursos de feminilização do cuidado e a recorrência às tecnologias de si como forma de resistência e reivindicação de si mesmas.

Palavras-chave: Tecnologias de si; Pedagogia; Cuidado; Gênero; Feminilização.

Trajectory of becoming: the experiences of caring for yourself from the pedagogy course

ABSTRACT

This article aims to analyze the experiences of taking care of oneself lived by women in the pedagogy course of the Faculty of Education of the Federal University of Goiás. For this, we focus on the notion of self-care, from Michel Foucault, and also we resort to feminist theories of care, seeking to understand how narratives that permeate the pedagogy course, such as the discourse about caring as a part of pedagogy and women, influence the requirements, how they manage to transpose these solutions, enable their academic trajectory and promote self-government. From the collection and analysis of empirical data, with in-depth entry and observation, some findings can be highlighted, such as the increasing denaturalization of the feminization of care discourses and the recurrence of self technologies as a form of resistance and claimed self-reported.

Key words: Self Technologies; Pedagogy; Care; Feminization; Gender

¹ Estudante do 6º período de Pedagogia, na Faculdade de Educação, na Universidade Federal de Goiás (UFG) e discente-PIVIC do Programa de Iniciação Científica, na UFG. E-mail: raysa_carvalho@discente.ufg.br.

Você já se questionou sobre quando é que a atribuição de cuidar passa a permear a vida de uma mulher? Ao olhar para a minha trajetória percebo que o cuidado orientado ao outro já estava lá, desde cedo: quando eu ninava meu primeiro brinquedo de menina, uma boneca. Também estava na dedicação da minha avó, que cuidava de mim para que minha mãe pudesse trabalhar e nos sustentar, sem qualquer auxílio paterno. Manifestou-se como obrigatoriedade em relação às tarefas domésticas a partir dos 7 anos, sem revezar com o meu primo que também morava conosco. Materializou-se em cobrança, quando meu ex-marido afirmou que eu não deveria me preocupar com a minha carreira profissional e apenas cuidar da nossa filha, que na época tinha 2 anos. Apareceu até em um comentário depreciativo, quando contei sobre minha aprovação no curso de Pedagogia no trabalho, e um ex-chefe me disse: — Você, pós-graduada em marketing, vai regredir para cuidar de criancinha?

Ampliando o olhar para experiências coletivas, os questionamentos sobre o cuidado apareceram fortemente na primeira semana do curso de Pedagogia, através da pergunta feita por uma professora à turma: — Por que vocês escolheram este curso? — E as respostas dos estudantes, especialmente as das mulheres, relacionavam-se quase sempre à questão do cuidar como o fator decisivo para sua escolha. Nas falas, o cuidado aparecia ora como prazer e realização pessoal (gostar de cuidar; vocação feminina); ora como obrigatoriedade (foi encarregada de cuidar de alguém), e essencialmente feminilizado (pedagogia é curso de mulher; o que um homem faz na pedagogia?), como se cuidar fosse algo espontâneo para as mulheres, fácil e natural, especialmente quando se trata de ensinar e cuidar de crianças pequenas.

A partir disso, a presente pesquisa objetiva compreender de que modo certas narrativas, como as que relacionam o cuidar como algo esperado da pedagogia e do feminino, influenciam as mulheres em formação?

Neste artigo, na primeira seção, é abordada a discussão sobre cuidado em um curso majoritariamente feminino, deslocando a discussão para a perspectiva sociológica do gênero e do trabalho, evidenciando como as estratégias do cuidar-se na trajetória acadêmica permitem que as barreiras impostas pelo senso comum, ligadas a feminilização da pedagogia e do cuidado, sejam de fato transpostas, já que cuidar de si,

de acordo com Michel Foucault, compreende um conjunto de práticas e procedimentos que permitem ao sujeito estar no mundo e reivindicar-se como ser autônomo (MACHADO, 2018). Na segunda seção, o foco está sobre as teorias do cuidado e seus desafios práticos e teóricos que perpassam a contemporaneidade. Já na terceira seção evidenciam-se os achados da pesquisa, com a apresentação das agentes entrevistadas e suas perspectivas sobre a sua trajetória no curso; há também um aprofundamento sobre as tecnologias de si, de Michel Foucault (2010), apresentando as técnicas mapeadas que permitem a estas mulheres reivindicar-se como sujeitos para além das imposições sociais e culturais.

É importante salientar que o presente trabalho foi desenvolvido no Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC), da Universidade Federal de Goiás, circunscrito no projeto “Tecnologias de si na formação em pedagogia: uma cartografia dos sujeitos”, sob orientação da pesquisadora responsável Prof^ª Dra. Maria Izabel Machado. Para tanto, a metodologia adotada consistiu na análise de bibliografia e também na investigação empírica, com interpretação qualitativa dos dados, sob o método hermenêutico-dialético proposto por Maria Cecília de Souza Minayo (2002), onde valorizam-se os depoimentos dos atores sociais compreendidos em uma conjuntura socioeconômica, histórica e política, observando que “[...] a ciência se constrói numa relação dinâmica entre a razão daqueles que a praticam e a experiência que surge da realidade concreta” (MINAYO, 2002, p. 77).

Foram realizadas entrevistas qualitativas e em profundidade com 5 mulheres, graduandas em Pedagogia, cursando os diferentes períodos do curso, na Faculdade de Educação, na Universidade Federal de Goiás. De forma a somar com as estratégias de coleta de dados, foi utilizada também a observação participante, cujas informações foram documentadas no diário de campo da pesquisa.

Esta pesquisa é norteada pelas perspectivas feministas pós-estruturalistas, e a relevância em demarcar este posicionamento está pautada na definição de Elma Zoboli (2004), que afirma que “as éticas feministas têm como propósito principal repudiar e por fim à opressão sofrida pelas mulheres e outros grupos historicamente oprimidos, estando, portanto, muito mais preocupadas [...] em provocar transformações político-sociais” (ZOBOLI, 2004, p. 27).

Por fim, parto da compreensão de que as experiências das mulheres são permeadas por uma desproporcionalidade de opressões, subalternização e culpas relativas ao cuidar, tanto a um nível social, quanto no nível familiar. Pretendo com esta pesquisa colaborar com a desnaturalização das assimetrias de gênero e assim promover reflexões que inspirem uma formação dos sujeitos pautada em uma ética do cuidado, onde as pessoas percebam-se como responsáveis por si mesmas e também pelos outros, sem imposições ou explorações dos binarismos.

A feminilização da pedagogia e do cuidado: faces das arbitrariedades sobre as mulheres

Ser mulher traz um conjunto de adjetivos, de ser e estar na sociedade. O ato de cuidar está inserido nesta lógica, normalizado como dom feminino, especialmente quando se trata da tarefa de proteger e de educar as crianças. Ao longo dos anos e sem fugir dessa logicidade, o curso de Pedagogia passou a ser correlacionado ao ideal da educação infantil, do cuidado como missão de vida e essencialmente feminino. Alguns números dão pistas de que essa graduação é escolhida em maior número por mulheres: segundo dados obtidos junto à coordenação do curso, o número total de matrículas é de aproximadamente 600 estudantes², sendo que destes, as mulheres são cerca de 90% das matrículas ativas no curso de Pedagogia da Faculdade de Educação, na Universidade Federal de Goiás³.

Frases como: a mulher nasceu para cuidar; ou ainda: só a mulher sabe cuidar; e até mesmo: pedagogia é curso de mulher, permeiam os discursos reproduzidos. Sobre isso, Elma Zoboli (2004) afirma que “o imperativo moral para as mulheres se configura na obrigação de cuidar, já para os homens, aparece como o dever de respeitar as

² Dados obtidos, via solicitação por telefone, em conversa com a coordenação do curso de Pedagogia, no dia 28 de Junho de 2021.

³ Dados obtidos na descrição do projeto de pesquisa que norteia este plano de trabalho: Tecnologias de si na formação em pedagogia: uma cartografia dos sujeitos. Disponível em: <https://sigaa.sistemas.ufg.br/sigaa/verProducao?idArquivo=774698&key=38a7b4d2e423c98afc8e669656a0ef66>. Acesso em 28 de Junho de 2021.

pessoas, protegendo-as de qualquer interferência em sua autonomia ou nos direitos à vida e à auto-realização” (ZOBOLI, 2004, p. 25).

Embora não seja o objetivo do presente artigo mapear as origens e as trajetórias históricas que culminaram na consolidação dos discursos que associam a pedagogia a uma atividade essencialmente feminina, ou ainda que o ofício do pedagogo esteja maiormente concentrado na prática do cuidado, é relevante a compreensão de que certas ideias possuem uma produção histórica e, por isso mesmo, adquirem status de verdade social, com força de documento (FOUCAULT, 2008), sendo replicadas e influenciando as escolhas do indivíduo.

Sobre isso, a cientista social Marlene Tamanini (2018) reitera que o cuidado como atividade feminina vem de uma atribuição estrutural, que afeta a democracia (TAMANINI, 2018), ou seja, afeta o poder de escolha, a autonomia das mulheres. Sendo assim, é cada vez mais urgente questionar os discursos essencialistas, que afirmam que a natureza feminina difere da masculina e compreender como essa perspectiva é, por um lado, “capaz de trazer novas formas para modelar a vida social e cultural, e, de outro destaca-se por sua crítica ao modelo dominante de feminilidade” (RAGO, 2008, p. 172), questionando, por exemplo, a obrigatoriedade de cuidar como função essencial da mulher.

Diante do exposto, como as mulheres transpõem essas imposições sociais ao seu gênero e conseguem assumir seus desejos e exercer seu poder de escolha?

Há na sociedade um conjunto de forças impositivas sobre as mulheres, mas também existe um movimento de ressignificação das posicionalidades do sujeito, de resistência, onde as mulheres conseguem transitar de uma posição marcada por assimetrias de gênero, de quem é obrigado a cuidar, para a de autogoverno. Para compreendermos um pouco mais sobre essas trajetórias, recorreremos à noção foucaultiana de cuidado, onde o autor afirma que o cuidado de si caracteriza as normas de condução da vida pessoal e social (FOUCAULT, 2010). Também é importante compreendermos como a questão do cuidado gira em torno de uma obrigatoriedade social do cuidar, que recai sobre as mulheres.

As definições de cuidado e as tecnologias de si

Tratando sobre os desafios teóricos que perpassam a compreensão do conceito de cuidado, bem como sua implicação nas assimetrias de gênero e nas relações de trabalho, é relevante afirmar que não se trata de uma definição simples. Sobre o conceito de cuidado, Zoboli (2004) afirma:

Parece claro que no desenvolvimento da noção de cuidado têm concorrido, ao longo da história, várias abordagens, como a mitológica, a religiosa, a filosófica, a psicológica e a teológica, que acabam por influir orientações éticas e comportamentos morais (ZOBOLI, 2004, p. 27).

Sobre este desafio conceitual, Tamanini (2018) alerta que um conceito não deve ser tratado como algo “puro e abstrato. Os conceitos são instrumentos intelectuais potentes, mas não são suficientes intelectual e politicamente” (TAMANINI, 2018, p. 45). Seguiremos nesta perspectiva, buscando compreender as múltiplas implicações que permeiam as diferentes esferas do cuidar.

Destacam-se as assimetrias de gênero, raciais, nas relações de trabalho e de classe, que corroboram com a consolidação de certas normas sociais, como a já afirmada feminilização do cuidado, que culmina até mesmo na desvalorização das profissões cujas atribuições estão relacionadas ao cuidar, como a do pedagogo. Isso tudo é legitimado por:

Instâncias várias, como o Estado, famílias, mercado e comunidade, quando o realizam o fazem à custa de mulheres mal reconhecidas como cuidadoras, com sobrecarga de trabalho, baixa remuneração e que não possuem as habilidades necessárias. Estas práticas estão do mesmo modo vinculadas a concepções de favor pessoal, a necessidade extrema; ou, se as relações são de parentesco e de comunidade, acionam-se elementos de um saber vinculado à noção de experiência da mulher com este cuidar, seja porque esta mulher já o fez antes e sabe, portanto, fazer, ou porque a pessoa que cuida tem relações de afeto com quem demanda cuidado; nesse caso, se considera que ela tem a obrigação moral de cuidar (TAMANINI, 2018, p. 33).

É importante perceber que a compreensão de cuidado extrapola o termo médico, mas é um conjunto de práticas corporais, de disponibilidade do sujeito de se preocupar. E isso implica em reconhecer a vulnerabilidade dos sujeitos, de preocupar-

se em compreender as políticas sociais, as desigualdades de raça, de gênero e de classes. Também é preciso destacar que o cuidado não deve ser atrelado ao conceito neoliberal, de um indivíduo que se produz, que se performa para servir à lógica do mercado. Isso posto, é preciso pensar o cuidado como acompanhamento, sustentáculo, uma rede de proteção de si e para os outros (TAMANINI, 2018).

Zoboli (2004) afirma que “cuidar é central para o ser humano e sua vida” (ZOBOLI, 2004, p. 23), não devendo, portanto, ser atribuído a um determinado gênero, posto que o cuidado está ligado às relações, aos processos de humanização, sendo:

[...] uma atividade característica da espécie humana, que inclui tudo o que nós fazemos com vistas a manter, continuar ou reparar o nosso mundo, de sorte que possamos viver da melhor maneira possível. Este mundo inclui nossos corpos, nossa individualidade e nosso desenvolvimento, que buscamos tecer juntos, dentro das relações complexas que sustentam a vida (TAMANINI, 2018, p. 48).

Desta feita, percebemos que o cuidado, como processo humanizador, é simultaneamente dirigido ao outro, mas também para si mesmo. Chegamos, portanto, a ideia de Tecnologias de Si, que segundo Foucault (2004b):

[...] permitem aos indivíduos efetuar, com seus próprios meios ou com a ajuda de outros, um certo número de operações em seus próprios corpos, almas, pensamentos, conduta e modo de ser, de modo a transformá-los com o objetivo de alcançar um certo estado de felicidade, pureza, sabedoria, perfeição ou imortalidade (FOUCAULT, 2004b, p. 323-324).

Foucault (2010), no curso que deu origem ao livro *A Hermenêutica do Sujeito*, questiona a origem grega do conceito de Cuidar de Si, que em Sócrates estava muito ligado a ideia do Conhece-te a ti mesmo. O autor se aparta dessa concepção grega, trazendo a ideia de ocupar-se consigo mesmo, de preocupar-se consigo com “exercícios de auto-subjetivação, de reforço ético de si para consigo” (GROS, 2008, p. 129). Ainda sob a perspectiva foucaultiana, Frédéric Gros (2008) destaca que cuidar de si “não se trata de modo algum de idolatria ou auto-adoração beata. [...]: a fruição de si mesmo não é da ordem do prazer, mas visa o sentido jurídico de uma posse completa, de uma imanência a si total e perfeitamente igual” (GROS, 2008, p. 135).

Para melhor compreensão, Gros (2008) afirma que o cuidado de si constitui uma pessoa forte, capaz de distinguir o que depende de si e o que não depende, e assim assegurar um pleno domínio de si mesmo, percebendo-se como um porto-seguro de si e sujeito capaz de realizações e de prover a própria felicidade (GROS, 2008), ou seja, apto a reivindicar-se como sujeito.

Ao contrário do que um discurso religioso poderia classificar como egoísmo, no pensamento foucaultiano, o cuidado de si significa a maneira como o sujeito “se integra num tecido social e constitui motor de ação política [...] num quadro largamente comunitário e institucional” (GROS, 2008, p. 131).

Nesta perspectiva, Foucault (2005) afirma que “têm-se aí um dos pontos mais importantes dessa atividade consagrada a si mesmo: ela não constitui um exercício de solidão, mas sim uma verdadeira prática social” (FOUCAULT, 2005, p. 57).

A autora Margareth Rago (2008) salienta que o cuidado e o cuidar de si configuram-se também como formas de resistência política, onde “escapar de formas modernas de sujeição e inventar-se a si mesmo a partir de práticas da liberdade parecem-lhe as principais saídas para a construção de novas configurações e agenciamentos sociais, na atualidade” (RAGO, 2008, p. 165).

Neste cenário, destacam-se as perspectivas feministas e a crescente desnaturalização de relações que condicionam as mulheres a certos papéis que as intimidam e as subjugam, sendo que há “a preocupação em libertar as mulheres das formas constrangedoras de ser mulher impostas socialmente [...] dos efeitos nocivos e paralisantes da vida doméstica, tanto quanto do modelo romântico de feminilidade, para ambos os gêneros” (RAGO, 2008, p. 174).

Dessa forma, como as mulheres que trilham agora sua trajetória no curso de pedagogia e, de certa forma, estão implicadas numa conjuntura marcada pela feminilização do trabalho, escapam do papel arbitrariamente atribuído pelo social e conquistam o autogoverno? Na sequência, serão apresentadas algumas reflexões e dados empíricos decorrentes das entrevistas e de observação das agentes da pesquisa, na busca por traçar o percurso desse processo de reivindicação de si das mulheres, enquanto profissionais em formação, e além: como elas assumem novas posicionalidades como sujeitos.

Trajetórias em curso: cuidado e cuidar de si para as acadêmicas de pedagogia

Começaremos apresentando os sujeitos da pesquisa: Sabina, Nise, Emília, Rosa-María e Magda. Nomes fictícios, atribuídos como homenagem a 5 mulheres que marcaram a história da educação com seus trabalhos, a saber: Sabina Spielrein, Nise da Silveira, Emília Ferreiro, Rosa María Torres e Magda Soares. Este exercício serve como meio de nos conectarmos às mulheres entrevistadas, resguardando seu anonimato e evidenciando sua força como sujeitos.

Este trabalho foi realizado no âmbito da Iniciação à Pesquisa Científica e, portanto, foram escolhidas 5 estudantes, cujos relatos são representativos para a compreensão da amplitude da comunidade acadêmica do curso, sendo importante salientar que as mulheres escolhidas para compor esta amostra foram convidadas observando-se o critério de possuírem vínculo ativo⁴ no curso de Pedagogia e também a disponibilidade para participarem da pesquisa. Veja a seguir, um panorama geral sobre as agentes entrevistadas:

Quadro 1- Informações gerais sobre agentes da pesquisa

		AGENTES DA PESQUISA				
		Sabina	Nise	Emília	Rosa María	Magda
INFORMAÇÕES	Idade	34	24	28	20	25
	Estado Civil	Casada	Divorciada	Casada	Solteira	Casada
	Já têm filhos?	Não	Não	1 filha e gestante	Não	2 filhos e gestante
	Ano de ingresso em Pedagogia	2018	2018	2018, trancado	2018	2017
	Iniciou ou concluiu outra graduação ou curso técnico?	Não	Sim, filosofia. Não concluiu.	Sim, contabilidade e história. Não concluiu.	Sim. Concluiu Técnico em Agropecuária.	Sim, administração. Não concluiu.
	Situação empregatícia	Costureira	Auxiliar de sala	Desempregada	Auxiliar de sala	Desempregada

Fonte: Dados obtidos através das entrevistas em profundidade e observações participantes realizadas no período de outubro e de 2019 a janeiro de 2020.

⁴ Na Universidade Federal de Goiás, são considerados estudantes com vínculo ativo todos aqueles que mantiverem um dos seguintes status acadêmicos: matriculado em disciplinas/módulos; matrícula trancada; e, participante de mobilidade acadêmica.

Buscando mapear as experiências de cuidar-se e os múltiplos processos que contribuem para a formação profissional, para a construção dos sujeitos e também para as práticas de transformação do eu das educandas, recorrer às entrevistas individuais e em profundidade justifica-se, pois, o modo como as agentes “falam de suas vidas é significativo: a linguagem que utilizam e as conexões que fazem revelam o mundo que elas veem e no qual atuam” (ZOBOLI, 2004, p. 25).

Seguiremos com a narrativa de algumas experiências das estudantes, colhidas a partir das entrevistas gravadas e também por meio de observação participante em conversas informais que foram relatadas posteriormente no diário de campo da pesquisa.

Começo com Nise (entrevistada nº 2, 16 de outubro de 2019), que precisou remarcar a entrevista por duas vezes, devido aos problemas relacionados à saúde mental. Com diagnóstico de depressão, sua jornada acadêmica estava sendo desafiadora. Nise respondeu às perguntas sempre de forma objetiva. Após a entrevista, já com o gravador desligado, a estudante se sentiu mais à vontade para falar e destacou participar de um grupo no *whatsapp* com colegas de sala com as quais tinha mais afinidade. Ela contou que neste grupo virtual, as estudantes se apoiavam academicamente e afetivamente, compartilhando desde técnicas de estudo, até conselhos sobre a vida pessoal.

Já Emília precisou trancar o curso devido a maternidade recentemente. Ao receber o convite para a entrevista, ela ficou empolgada, sempre reforçando sua vontade de retornar às aulas e afirmou: “direto alguém da turma pergunta [...] Eu sinto que eu sou vista, as pessoas estão me vendo, estão vendo a C. [nome da filha suprimido]. As pessoas perguntam se eu estou bem, se eu estou voltando” (entrevistada nº 4, 21 de outubro de 2019). Emília deixou claro que essas abordagens da turma eram um incentivo para si e reforçavam o senso de pertença ao coletivo. Na data da entrevista, sua filha tinha pouco mais de 1 ano e ela acabara de descobrir uma nova gestação há poucos meses.

Magda (entrevistada nº 1, 15 de outubro de 2019), mãe de duas crianças, também havia descoberto há pouco que estava gestante. Ela afirmou que estava no

auge da produção acadêmica, com publicações recentes e atuando como monitora de disciplina. Devido à gravidez, deparou-se com exames indicando que ela precisava cuidar mais de sua saúde. Isso suscitou uma série de reflexões sobre o cuidado, especialmente sobre por que era tão simples cuidar da saúde e do bem-estar dos 2 filhos, mas não de si mesma? Sobre a sua trajetória no curso de pedagogia, Magda relembrou que logo após contar sobre sua aprovação para a família, seu pai lhe disse que a Universidade Federal não era lugar de gente como eles, trabalhadores, mas que após 3 anos de estudos, ela percebeu ter conseguido provar o contrário para toda a família, tornando-se motivo de orgulho. Ela também revelou sua preocupação em concluir o curso sem atraso, pois o parto do 3º filho estava previsto para acontecer em meio ao semestre letivo. Ela afirmou contar com o apoio do marido e dos 2 filhos, e disse acreditar na solidariedade e no incentivo dos colegas e do corpo docente para concluir a graduação.

Sabina (entrevistada nº 5, 22 de outubro de 2019) foi alfabetizada em um acampamento do Movimento Sem Terra e demonstrou orgulho de sua trajetória, embora reconhecesse que já sofreu preconceitos devido ao seu passado e também à profissão que exercia no presente, de costureira. Em muitos momentos da entrevista, Sabina verbalizava que se sentia incapaz de cursar a faculdade, pois entrou tardiamente no curso e a abordagem acadêmica ainda era um mistério para si, mas na sequência, reafirmava estar disposta a ir até o fim da graduação, lutando pelo espaço formativo que conquistou. Sobre a rotina acadêmica, Sabina atribuiu grande importância às relações solidárias para transpor as dificuldades do curso, e que isso contribuiu para que ela se integrasse ainda mais ao espaço acadêmico e aprendesse sobre a produção científica. Também salientou que mesmo em meio a toda a diversidade que encontrou na universidade, também havia uma rede colaborativa entre estudantes e professores que lhe fazia bem em muitos aspectos.

Rosa María (entrevistada nº 3, 16 de outubro de 2019) era a mais jovem das entrevistadas. Residindo em Silvânia, cidade no interior de Goiás, ela se deslocava todas as noites para o campus, em Goiânia-GO. Rosa María já possuía uma formação técnica em Agropecuária e diversas vezes cogitou desistir do curso de pedagogia para se dedicar a essa área profissional. Ela afirmou que os principais gatilhos sobre desistir

advinham das dificuldades financeiras e também dos problemas relacionados à saúde mental, com o diagnóstico de ansiedade. Ela contou que quando esses pensamentos se tornavam muito intensos, ela buscava forças em 3 pilares: no sonho de conquistar a formação em uma Universidade Federal; na necessidade de manter o emprego como auxiliar de sala, cujo pré-requisito era permanecer no curso de pedagogia; e também no apoio das amigas do curso, que a auxiliavam tanto sobre questões pessoais, quanto sobre as dúvidas acadêmicas. Rosa María também disse que sua família nunca a apoiou em relação à graduação em pedagogia.

Ao nos determos a esta breve apresentação de cada agente é possível percebermos exemplos de como essas estudantes buscaram transcender o objetivo da formação universitária, constituindo-se enquanto pessoas autônomas e solidárias, evidenciando o aprendizado e a elaboração de estratégias que tornavam viável sua permanência no curso. Nisto, percebemos a ocorrência do que Gros (2008) chama de conhecimentos ethopoéticos, ao se referir a percepção foucaultiana de que a formação profissional e a humana ocorrem de forma concomitante:

Foucault mostra claramente que não se trata absolutamente desta separação. Não são dois domínios de objetos (a natureza, de um lado e, de outro, o sujeito humano) que são distintos, mas dois estilos de saberes, dois regimes de aquisição de conhecimentos: de um lado, há os conhecimentos puramente culturais, eruditos, que podem concernir tanto ao sujeito humano, quanto ao mundo natural e que não afetam diretamente o modo de ser de um sujeito, nem o transformam, mas apenas o tornam mais culto, aumentam quantitativamente a soma de seus saberes, sem servir a regular ou a orientar a conduta. De outro lado, há os conhecimentos que Foucault chama de 'ethopoéticos' e que orientam a conduta do sujeito, informam praticamente seu comportamento e que podem bem estar ligados à cosmologia (GROS, 2008, p. 133).

Perante os perfis descritos até aqui já é possível identificar indícios das tecnologias de si, de Foucault, que podem ser compreendidas enquanto um conjunto de práticas que permitem a constituição e a transformação dos sujeitos. Falaremos mais sobre as técnicas de si a seguir.

A formação docente e as tecnologias de si: o que as agentes relataram

Pensar as tecnologias de si de Foucault exige que pensemos também as tensões constituídas historicamente e como essas tecnologias estão circunscritas nas influências entre saberes, relações de poder e modos de constituir-se enquanto sujeitos. Em seus estudos, o autor afirma que seu objetivo era verificar, neste contexto de tensões entre verdades e poder, de que modo “o sujeito humano vai se definir como indivíduo falante, vivo e trabalhador” (FOUCAULT, 2004a, p. 264).

As entrevistas com estas mulheres estudantes de pedagogia, revelaram uma série de tensionamentos aos quais elas precisam responder em seu cotidiano, não apenas relacionados ao ambiente acadêmico, e sobre os quais destacaremos a seguir.

O primeiro tensionamento apresentou-se na necessidade de trabalhar e/ou dedicar-se à família, o que interferia tanto na escolha do turno do curso, no caso delas a opção pelo turno noturno, quanto no tempo que elas poderiam ou não dedicar aos estudos fora da universidade, impactando até mesmo na decisão pelo trancamento do curso.

Outro ponto de conflito foram as divergências entre o interesse individual das mulheres, em contraponto aos interesses familiares. As estudantes entrevistadas precisaram lidar com questionamentos sobre a escolha do curso de Pedagogia em comparação a outras carreiras percebidas como mais promissoras pela família e menos óbvias do que a escolha de um “curso de mulher”. Vemos aqui que, embora tenham escolhido um curso feminilizado, esperado socialmente, algumas estudantes foram criticadas por isso. Essas mulheres também precisaram enfrentar dúvidas sobre o mérito da sua aprovação e capacidade em permanecer em uma instituição federal.

Os relatos também deram conta de que estas estudantes já estiveram ou ainda estão em situações em que precisam cuidar de alguém de forma obrigatória, não-remunerada e sem divisão de responsabilidades, seja com o marido ou com os demais parentes. Sobre o impacto desse tipo de cuidado compulsório sobre a formação, as agentes salientaram que a divisão de papéis deveria ser mais igualitária, especialmente para que elas pudessem dar continuidade e/ou se dedicarem mais à sua formação acadêmica.

Outra questão que apareceu bastante nas entrevistas, e que suscitou alerta, foi a do adoecimento mental, bem como os desafios para o tratamento e para a permanência no curso.

Ainda sobre os desafios em cursar pedagogia, as mulheres também revelaram alguns questionamentos de ordem existencial, sobre si mesmas perante a realidade vivida e desejada. Antes de adentrar à faculdade, Emília conta que se perguntava se a vida era apenas acordar, trabalhar, ser esposa, mãe, bonita (entrevistada nº 4, 21 de outubro de 2019). Nise também questionava sua função no mundo do trabalho, revelando querer mais do que apenas assistir vídeos de maquiagem para ser uma boa vendedora na loja em que trabalhava (entrevistada nº 2, 16 de outubro de 2019). Magda também relatou que antes de cursar pedagogia quase concluiu o curso de administração, mas quis mudar de graduação porque não queria que sua vida se resumisse a ser uma boa administradora que ajuda pessoas ricas a ficarem mais ricas, mas que gostaria de fazer mais pelo mundo (entrevistada nº 1, 15 de outubro de 2019).

Essas falas expressaram que escolher pedagogia foi um importante passo para estas mulheres se lançarem no caminho da descoberta de si, das próprias vontades e de seu propósito de vida, estando longe de ser apenas a repetição de comportamentos esperados por determinado gênero.

A partir disso, cabe elucidar algumas práticas que podem ser consideradas como um conjunto de tecnologias de si, evidenciadas pelas estudantes. Ações que embora normalizadas como atitudes simples do cotidiano, tiveram o potencial de agenciar os estados de bem-estar necessários para a conquista do autogoverno.

A primeira tecnologia de si a ser destacada estava em sentir-se integrante de redes de apoio não-institucionalizadas, composta por amigos e colegas. Em suas falas, as entrevistadas ressaltaram a importância dessas relações de confiança, que diziam respeito tanto aos assuntos acadêmicos, quanto às questões para além da universidade. Um exemplo disto quem nos deu foi a estudante Rosa María, que destacou que perante as dificuldades cotidianas relacionadas à formação, sempre recebeu ajuda: “aqui na faculdade tem muito disso, da ajuda né? Não fiz um trabalho e sempre tem uma colega que fala vem cá, eu te ajudo” (entrevista nº 3, 16 de outubro de 2019). Ainda sobre as redes de apoio, a estudante Nise lembrou que ao comentar sobre o seu processo de

adoecimento mental com colegas de turma, foi ajudada por estudantes que compartilharam uma lista de contatos de psicólogos e psiquiatras que realizavam atendimento solidário (entrevistada nº 2, 16 de outubro de 2019).

Outra importante forma da promoção do cuidado de si foi a reunião dos estudantes em grupos de *whatsapp*, com o objetivo de compartilharem informações. Conforme relatos, esses grupos reuniam um grande número de pessoas, com graus diversos de relacionamento entre si, alguns conviviam desde o início da graduação, enquanto outros estavam apenas de passagem pela turma. Mas a força dessa rede estava na interação, como: nos acordos de colaboração que ajudavam a garantir a permanência na universidade; nos lembretes de atividades e eventos; no compartilhamento de trabalhos e saberes, e até nos pactos coletivos que promoviam sentimento de pertença, como ficou expresso no relato da estudante Sabina: “eu vejo no grupo, a turma é a mais unida, se um tem todo mundo tem. Tentamos todo semestre de matrícula ficar juntos” (entrevistada nº 5, 22 de outubro de 2019).

Os relatos sobre esses agrupamentos também elucidaram mais uma técnica de si: o diálogo. Em seus escritos sobre as técnicas de si, Foucault (2004b) faz todo um itinerário pelas concepções gregas sobre as práticas de Cuidado de Si, apresentando o diálogo como elo importante entre o cuidar de si e o conhecer-se a si mesmo: “em Alcibiades I, a alma tinha uma relação espelhada com ela mesma, que se refere ao conceito de memória e justifica o diálogo como um método para descobrir a verdade na alma” (FOUCAULT, 2004b, p. 339). Para as estudantes entrevistadas, o diálogo tornou-se uma importante tecnologia que além do fortalecimento dos laços, estimulava uma reflexão sobre si mesmas e também funcionava como influências norteadoras. Isso foi evidenciando em uma fala de Nise que afirmou inspirar-se em suas colegas para seguir no curso: “são mulheres que têm umas cobranças muito fortes e são apenas mulheres, pessoa inteligente que já sofreu mas, sabe viver, e eu quero isso pra minha vida” (entrevistada nº 2, 16 de outubro de 2019). A fala de outra estudante também ilustrou o quanto as conversas com o grupo tinham importância em seu processo formativo, pois segundo ela, era uma forma de “não deixar se perder. ‘— Vem aqui que eu te ajudo!’ —. Essas conversas são muito enriquecedoras” (Rosa María, entrevista nº 3, 16 de outubro de 2019).

Essas práticas apontadas até então são exemplos de tecnologias de si. A organização coletiva de grupos de apoio e a utilização de redes sociais, como grupos no *whatsapp*, para incentivar os estudos e proporcionar apoio afetivo, bem como os diálogos para esclarecer dúvidas ou simplesmente conversar. Também a ação colaborativa de compartilhar informações como forma de ensinar uns aos outros, além de outras ações de cuidado de si e de resistência diárias, são exemplos práticos de mobilização do eu que promovem muito mais do que a formação acadêmica: são tecnologias que também permitiram que as agentes respondessem aos desafios de serem mulheres e futuras pedagogas, agenciaram senso de pertença, potencializando habilidades para criar e estabelecer relações solidárias; promoveram o autogoverno de si e a responsabilidade com o coletivo.

Da feminilização do cuidado ao exercício da profissão de Pedagogia: como as agentes percebem esta relação e se constituem

A partir de agora, nossa reflexão será direcionada ao aspecto social, político e cultural do cuidado enquanto atribuição do feminino e as influências desse discurso na profissão de pedagogo. Sobre isso, Rosa María (Entrevista nº 3, 16 de outubro de 2019) demonstrou sua opinião de um jeito firme: “não tem nada a ver. Cuidado é da humanidade, é uma coisa humana e humanizadora, independente de gênero, acho que é muito sem noção colocar isso sobre a mulher”, afirmou.

É importante salientar que todas as mulheres entrevistadas demonstraram descontentamento diante da associação do cuidado como atribuição social das mulheres, afirmando que os homens também são capazes de ações de cuidado. Magda e Nise lembraram os colegas de curso, homens cis e transgêneros, alvo de preconceitos no mercado de trabalho, como a desconfiança sobre a capacidade de cuidar e também restrições no campo de atuação para evitar potenciais suspeitas de assédio às crianças. Sobre isso, Emília evocou sua experiência:

É cultural: quem cuida é a mulher. Quem cuida do filho é a mãe. Eu estou passando isso na prática. As pessoas questionam o marido por trocar a fralda: - Ele te ajuda? Isso é muito cultural, mas não acredito nisso não. Cuidado vem de alguém que está disposto a cuidar, de quem é sensível, mas não no

estereótipo do feminino, mas sensível no quesito de quem cuida de si e do outro. Ser uma pessoa sensibilizada a cuidar e isso é independente de gênero. Todo mundo é capaz de cuidar. De ser pedagogo (Emília, entrevistada nº 4, 21 de outubro de 2019).

Sobre a pedagogia ser um curso para pessoas que trabalharão como cuidadoras, Nise reclama, afirmando que se trata de uma generalização. A estudante reconheceu o quanto o cuidado faz parte da rotina de trabalho do pedagogo, especialmente na educação infantil, onde o (a) professor (a) também deve se relacionar com as crianças com gestos de afetividade e acudi-las em situações de higiene. Nise também protestou que gostaria que a sociedade compreendesse que o processo ensino-aprendizagem requer muito estudo e estratégias aprendidas na formação acadêmica (entrevistada nº 2, 16 de outubro de 2019). Ainda sobre este tema, Sabina reforçou o quanto a relação de afetividade e de cuidado com sua professora na infância fez diferença para sua formação e que se inspirava nela para a sua futura atuação profissional, no entanto, também reconheceu que atuar como educadora requeria uma série de conhecimentos que ela só aprendeu na faculdade (Sabina, entrevistada nº 5, 22 de outubro de 2019). Sobre a divisão sexual do trabalho, Sabina continuou:

Gira muito em torno de preconceito. Hoje nem tanto, mas antigamente o homem era visto só [sic] pra manter o lar financeiramente e a mulher está ali pra cuidar, manter, dar carinho, e isso partiu pra escola, se ela cuida em casa, cuida na escola. Eu acredito num homem [sic] pra dar aula, dar carinho e atenção. Eu trago isso de casa, do meu pai, ele trabalhava, mas tava [sic] em casa e nunca deixou faltar carinho e atenção. Minha mãe foi criada como homem, na lida. E eu trago isso pra pedagogia (Sabina, entrevistada nº 5, 22 de outubro de 2019).

Em seu discurso, Sabina afirmou que a percepção sobre o que seria trabalho apropriado para mulheres, em contraponto ao que seria apropriado para homens, era algo ultrapassado. No entanto, quando relatou que sua mãe “foi criada como homem, na lida”, sua fala reforçou uma percepção social de que o trabalho realizado no âmbito privado da família não seria trabalho, fazendo uma livre associação de que as atividades que geram renda são atividades próprias do gênero masculino.

É inquestionável que as assimetrias que permeiam a divisão sexual do trabalho seguem muito presentes na sociedade, especialmente manifestada na subalternização

do cuidado, onde permanecer em casa para cuidar e assim promover condições de bem-estar, higiene e alimentação para todos da família não são consideradas atividades que provêm o sustento ou que sejam dignas de reconhecimento enquanto trabalho.

Ainda sobre o tema cuidado, os relatos individuais evidenciaram um traço importante: todas as agentes reforçaram que já cuidaram ou cuidam de alguém próximo de forma sistemática por motivos vários, como doença, acidente ou tradição familiar, sem dividir essa responsabilidade com os irmãos ou maridos, mesmo isso sendo possível ou ideal. A respeito desta característica, Tamanini (2018) aponta que diversas pesquisas no mundo sobre o cuidado indicam que aqueles que escolhem profissões relacionadas ao cuidar já “havam cuidado, gratuitamente, de pessoas que lhes eram próximas, antes de se tornarem cuidadores/as formais” (TAMANINI, 2018, p. 47).

Isso é evidenciando por Sabina, que revelou que antes de iniciar a sua jornada acadêmica matriculou-se em dois cursos, Pedagogia e Assistência Social, que, segundo ela, estavam relacionados ao cuidado. Ela afirmou ter escolhido essas duas formações porque se percebia na condição de quem “sempre está acudindo a família, ama cuidar e cuida muito bem” (Sabina, entrevistada nº 4, 21 de outubro de 2019). É importante salientar que nesta percepção de cuidar como um dom, o sujeito não percebe ou mascara um constrangimento da ordem da cultura que o obriga a cuidar (TAMANINI, 2018). Mas não apenas isso, quando o sujeito escolhe uma formação profissional porque está habituado à função de cuidar, este indivíduo também está em busca de se tornar um cuidador formal. O que pode denotar “um mecanismo de sobrevivência para as mulheres ou outros que estão lidando com cuidado em condições opressivas” (TAMANINI, 2018, p. 46).

Outro ponto importante das entrevistas é que quando inquiridas sobre o que compreendiam por cuidado, a resposta das entrevistadas sempre estava direcionada a prover o bem-estar do outro, criar condições para o pleno desenvolvimento do outro. No entanto, quando a pergunta se referia ao que significava Cuidar de si, instaurava-se um silêncio, seguido por reflexões que apontavam uma falta de cuidado consigo mesmas. E os motivos para não cuidar de si eram variados: seja por perceberem-se em um estado constante de sempre cuidar dos outros (Magda, entrevistada nº 1, 15 de

outubro de 2019), ou ainda por não terem o costume de cuidar de si (Sabina, entrevistada nº 4, 21 de outubro de 2019). Nas falas também emergiram sentimentos de culpa, onde as entrevistadas diziam que precisam se dedicar mais a si mesmas, além de dúvidas sobre o que seria cuidar de si, se estaria relacionado tão somente ao cuidado estético ou a um check-up médico.

Sobre essa dificuldade manifestada pelas entrevistadas sobre falar a respeito do cuidado de si, “essa parcialidade não reconhecida de conceitos de cuidado tem duas consequências. A primeira é obscurecer formas de cuidado que apareçam fora dos limites socialmente criados” (TAMANINI, 2018, p. 44). A outra consequência é a persistência em se continuar atribuindo o cuidado às mulheres e que impede uma nova perspectiva sobre a divisão sexual do trabalho (TAMANINI, 2018).

Diante disso, é preciso que o conceito de cuidado e a ação de cuidar sejam colocados como forma de desenvolver relações mais democráticas, desconstruindo dinâmicas que seguem ampliando as diferenças entre os gêneros, mas que abarque especialmente “a necessidade de reflexão social sobre o cuidado, para que ela se desenvolva sob a perspectiva do seu sentido político, econômico, institucional e com seu consequente desmanche sexista” (TAMANINI, 2018, p. 51). A importância desta nova percepção sobre o cuidar se justifica, já que:

A vantagem do cuidado é que ele pode permitir considerar um novo estado de questões, em que o cuidado pode, quem sabe, construir uma nova forma de ser do Estado social, que leva em conta o lugar de devir das mulheres, dos vulneráveis e necessitados de cuidado, que leve bem mais em conta a sociedade preocupada com as pessoas e suas necessidades. [...] Isto inclui um processo de descolonização cognitiva, para assegurar uma maneira de se desidentificar com os discursos dominantes e para provocar o surgimento de novas políticas necessárias às pessoas e aos sujeitos situados (TAMANINI, p. 61-62).

Tendo em vista os relatos e as reflexões suscitadas a partir das entrevistas com essas 5 mulheres, é urgente pensarmos os potenciais impactos em nível familiar, formativo e profissional que a democracia do cuidado pode trazer para a vida dessas agentes. Façamos um exercício de reflexão: Como seria para essas mulheres viverem sem a culpa que sentem ao pensarem em cuidar de si mesmas? E ainda, como seria para elas existirem sem estarem sob o jugo da obrigatoriedade de cuidar, que impacta

em seu tempo, seus corpos e seus desejos? Isso, no mínimo, significaria autonomia para reconhecer-se como seres humanos de vontade e de direitos. Sujeitos com liberdade de pertencer-se, sob uma menor pressão social sobre suas escolhas.

E, afinal, o que significaria para as mulheres e para a sociedade como um todo a construção de uma democracia do cuidado? Sobre isso, um dos grandes desafios é “passar do micro para o macro, isto é, não se ater apenas as relações face a face, mas também passar para o relato das instituições e de suas responsabilidades” (TAMANINI, 2018, p. 43). Para tanto, é preciso que haja uma desconstrução das bases tradicionais do cuidado, ainda calcado na exploração das vulnerabilidades sociais, quer seja da ordem sexual, da raça ou dos afetos.

Considerações finais

É patente que Pedagogia, Cuidado e Feminino encontram-se interligados, não de forma natural, mas sim no âmbito da cultura e da história. Estes processos são permeados por preconceitos ideológicos, que se projetam como discursos do senso comum e que legitimam um sistema de práticas que oprimem e invisibilizam as mulheres.

Ao retomarmos a pergunta inicial desta pesquisa, é possível compreender que as narrativas que relacionam o cuidar como algo esperado da pedagogia e também da mulher, lançam influências, sim, sobre as estudantes em formação, mas não apenas isso.

Nesta perspectiva pós-estruturalista, percebemos as mulheres como agentes de si mesmas, recorrendo a diversas técnicas de si para escapar deste lugar de feminilização do cuidado, com o objetivo de romperem com condições de opressão, má remuneração e desvalorização. Nesta busca por alçar novas posicionalidades enquanto sujeitos, agenciam novos status de ser no mundo: o acadêmico, o científico, o profissional. E a graduação em Pedagogia mostrou-se como parte dessa trajetória de conquista da autonomia e do autogoverno.

Sendo assim, importa ir além do senso comum, cujas narrativas reforçam a ideia de feminilização da Pedagogia, já que esta graduação é um espaço de troca de

saberes e experiências, resistência e subjetivação para mulheres, em sua maioria numérica, mas também para homens, gays, cisgêneros, transgêneros e não-binários.

Diante dos relatos das 5 entrevistadas é possível compreender que para estas estudantes, as técnicas de si são práticas de reelaboração do eu e também de resistência aos tensionamentos da vida cotidiana, sendo os meios utilizados por estas mulheres para se reivindicarem como sujeitos de vontade e de direito, para além da universidade. Isso acontece de várias maneiras, como: a constituição de redes de apoio informais, para incentivar os estudos e proporcionar apoio afetivo; a organização coletiva através de grupos de *whatsapp*, como importante ferramenta para acordos coletivos e ajudas mútuas; o diálogo com amigos e colegas de curso, tanto sobre assuntos de ordem acadêmica, quanto pessoal, como importante elo entre o cuidar de si e também o conhecer-se a si mesmas.

Já sobre os temas Cuidado e Pedagogia, alguns achados podem ser destacados, como a crescente desnaturalização desses discursos, a saber: ainda que o aspecto social, político e cultural reforce a feminilização do cuidado, as entrevistadas compreendem o cuidar como algo humano e humanizador, independentemente de gênero; ao serem questionadas sobre a Pedagogia ser considerado um curso de mulheres e de cuidadoras, as entrevistadas reconhecem a importância do cuidado no processo de ensino-aprendizagem, especialmente na educação infantil, no entanto, reagem afirmando que realizam um trabalho pautado em conhecimentos acadêmicos; elas também reconhecem o preconceito com seus colegas homens, cis, gays e trans, que cursam pedagogia, reclamando que haja uma nova compreensão social de que todos são capazes de cuidar e de serem pedagogos; e, por fim, as mulheres já haviam atuado com o cuidado de forma compulsória, antes ou durante o curso de pedagogia, elucidando que elas se identificam com a atribuição de cuidar, mas que também buscam superar as imposições sociais, transformando algo que outrora as subjugou em um meio de emancipação e reelaboração de si mesmas.

É urgente perceber que estas estudantes não se conformaram com um sistema, permeado por constrangimentos e dominação, ainda que inseridas nele. Logo, não são mulheres apenas repetindo padrões socialmente impostos, são mulheres que se tornam agentes produtoras de suas histórias, construindo seu valor perante a sociedade

enquanto integrantes de uma comunidade, a acadêmica, onde se (re) elaboram, assumem novas posicionalidades de ser, integram uma rede com a qual podem contribuir e recorrer sempre que preciso.

Já quando perguntadas sobre o que compreendem por Cuidado de Si, expressaram dúvidas sobre o que isso significaria: se cuidado estético, de saúde, de bem-estar? Também demonstraram culpa e um sentimento de dívida consigo mesmas, por não se reconhecerem como alvo de cuidado, como se o cuidar estivesse sempre orientado ao outro, nunca a si mesmas.

Esta pesquisa revela que trazer as discussões sobre as tecnologias de cuidar de si para o curso de pedagogia tem poder de contracultura e pode contribuir para promover relações mais democráticas, como vias de desarticular preconceitos de gênero e práticas de dominação tão recorrentes na lógica neoliberal. Logo, faz-se urgente promovermos uma nova ética do cuidado, construída sobre premissas que abarquem o respeito e a valorização da diversidade, e que não seja pautada na exploração dos binarismos, nem das raças. Mas que favoreça relações mais equânimes, humanas e humanizadoras, desde o âmbito familiar e pessoal, até a esfera pública, econômica, política e ambiental, uma verdadeira democracia do cuidado.

Referências

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade, 1984. In _____. **Ditos e escritos V**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. 3ª ed. 4ª tiragem. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 3: O Cuidado de Si**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

FOUCAULT, Michel. Tecnologias de Si, 1982. **Revista Verve [online]**, v. 06, p. 321-360, abr. 2004b. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/5017/3559>. Acesso em: 19 Dez. 2019.

GROS, Frédéric. O cuidado de si em Michel Foucault. *In* RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (org.). **Figuras de Foucault**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MACHADO, Maria Izabel. Cuidar de si a partir das tecnologias do eu: o cuidado na economia solidária desde as experiências nos clubes de troca. *In* **O cuidado em cena: desafios políticos, teóricos e práticos**. / Marlene Tamanini et al. (Org.). – Florianópolis: UDESC, 2018.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

RAGO, Margareth. Foucault e as artes de viver do anarco-feminismo. *In* RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (org.). **Figuras de Foucault**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

TAMANINI, Marlene. Para uma epistemologia do cuidado: teorias e práticas. *In* TAMANINI, Marlene; HEIDEMANN, Francisco G.; VARGAS, Eliane Portes; MARCOS, Sandro (org.). **O cuidado em cena: desafios políticos, teóricos e práticos**. Florianópolis: UDESC, 2018.

ZOBOLI, Elma Lourdes Campos Pavone. A redescoberta da ética do cuidado: o foco e a ênfase nas relações. **Revista da Escola de Enfermagem da USP [online]**, v. 38, n.1, p. 21-27, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342004000100003>. Acesso em: 19 Dez. 2019.